



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

FORMAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DE PROFESSORES – AS TERRITORIALIDADES DA CIDADE E DA NATUREZA

Wellington Amâncio da Silva¹ UNEB

Juracy Marques dos Santos² UNEB

RESUMO

Analisam-se aqui as concepções da *cidade* segundo as possibilidades de *lugar de habitar* e de *territorialidades*, em face da formação dos discentes do curso licenciatura em Biologia na Universidade do estado da Bahia – UNEB, durante o ano de 2014. Apresentam-se as narrativas, representações e interpretações utilizadas e afirmadas pelos discentes entrevistados acerca das categorias acima propostas. Utiliza-se de metodologia que partiu de estudos bibliográficos em Geografia Humanística acerca da concepção de *espaço construído* de Dardel (2011), do conceito de *habitar o habitat* de Leff (2013) e em seguida, de pesquisa etnometodológica (Garfinkel, 1967) por meio de observações e entrevistas resultantes de atividades pedagógicas realizadas com os discentes do curso de Licenciatura em Biologia, no intuito de evidenciar suas atitudes, preferências e concepções do tema proposto, na perspectiva da Formação-PIBID 2014 oferecida. Visa-se apresentar aqui seus discursos segundo a hipótese de que estes representam suas concepções de cidade/campo, do habitar na cidade e fora dela, e ainda analisando estes discursos em relação às suas ações práticas de convívio, identidade, copertença, propondo subsídios para pensar a ecologia urbana em sua complexidade no contexto do Sertão nordestino, especificamente do semiárido de Alagoas e Bahia no entorno do rio São Francisco.

Palavras chave: Docência, Educação Ambiental, Ecologia Urbana, Territorialidades.

ABSTRACT

It analyzes the conceptions of the city according to the possibilities of place to dwell and territoriality, in the face of graduating students in the course degree in Biology at the University of Bahia-UNEB, during the year 2014 are presented narratives,

¹ Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – UNEB/PPGEcoH. É vinculado ao grupo de pesquisa “Memória, Identidade, Territorialidade, Educação do/no Campo e Espaços de Sociabilidade” – OPARÁ welliamancio@hotmail.com

² Pós-doutor em Antropologia e Doutor em Cultura e Sociedade. Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia e da Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina-FACAPE. juracymarques@yahoo.com.br



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

representations and interpretations used and affirmed by the students interviewed about the categories proposed above. It uses methodology that left bibliographic studies in humanistic geography concerning the design space constructed Dardel (2011), the concept of living habitat of Leff (2013) and then of ethnomethodological research (Garfinkel, 1967) through observations and interviews result of educational activities with students from the teaching formation degree in Biology, in order to highlight their attitudes, preferences and conceptions of the subject, in view of the Training - PIBID offered in 2014. The aim is here to present their speeches according to the hypothesis that they represent their conceptions of city/country, dwelling in the city and beyond, and further analyzing these discourses in relation to their practical actions of conviviality, identity, copertença proposing subsidies to thinking about urban ecology in its complexity in the context of the Northeast, specifically the semi-arid of Bahia and Alagoas in the vicinity of the São Francisco River.

Keywords: City, Teaching, Planning, Environmental Education.

1-INTRODUÇÃO

A análise das concepções da *cidade* como paradigma de *lugar de habitar* e de *territorialidades* do convívio cultural em face da natureza, visa aqui apresentar alguns sentidos teóricos conceituais considerando-os através das narrativas dos sujeitos pesquisados. As intersecções dessa discussão se farão por meio de breves conceituações de *espaço* e *lugar* a partir de Tuan (2013), de *habitar* em Leff (2013), de *terra* em Dardel (2001) e de *territorialidade* em Godói (2014). Em face da formação dos discentes do curso licenciatura em Biologia, na Universidade do estado da Bahia – UNEB, durante o ano de 2014, pretende-se apresentar os discursos destes sobre o assunto proposto, por meio da análise etnometodológica de seus discursos. Para isso, antes é preciso conceituar as territorialidades como aquilo que “[...] não diz respeito somente à materialidade do espaço, pois não há território *cidade, lugar*³, exterior a relações sociais” (Godoi, 2014, p.446). Assim sendo, entendemos por territorialidade os lugares subjetivos e objetivos dos sujeitos e as interações socioafetivas destes entre si em interdependência com seu *lugar de habitar*, a partir daquilo que este significa para

³ Grifo nosso.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

eles de modo cultural e histórico. Os lugares subjetivos dos sujeitos, (tais como a cultura, as artes, a memória, a história), e os lugares objetivos dos sujeitos, isto é suas produções materiais situadas, fundam sua identidade pessoal e a identidade coletiva as quais eles afirmam e exercem com autonomia – esta última identidade é a marca mais característica do lugar cultural de habitar. Em outras palavras, as territorialidades são os espaços materiais de convivência onde os sujeitos compreendem-se implicados e situados, onde mantêm, desenvolvem e afirmam suas identidades como concepção de copertencimento, sob uma forte consciência de autonomia e protagonismo em sua dimensão cultural, social, política e econômica comprovada por sua práxis cotidiana. E ainda, num sentido amplo de comunidade como fator identitário, as territorialidades são os espaços imateriais, *lugares subjetivos* de significação, imagéticos, discursivos, memoriais e narrativos, que dialogam com os sentidos, discursos e representações do lugar de habitar característico de uma comunidade onde constroem suas identidades e condições de copertencimento. Mas, como essa territorialidade contribui para a ressignificação ecológica da natureza e para repensar a cidade como lugar que contribui positivamente ao meio ambiente? São questões a serem estudadas a longo prazo e que não são esgotadas aqui.

2- MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho investiga as produções discursivas e afirmações dos discentes do curso de Biologia (habilitação), durante o encontro do Formação/PIBID na Universidade do estado da Bahia – Campus VIII, em Paulo Afonso, Bahia, no dia 27 de março de 2014. Acerca dos instrumentos, foram coletados 26 questionários; registrados por escrito as narrativas dos discentes durante a participação; relatos coletados por meio de uma dinâmica que culminou com representações simbólicas através de pintura sobre tecido motivada pelo questionamento: “territorialidade: deixe a sua marca”.

O questionário constou de três questões abertas relacionadas ao conceito de terra e territorialidade segundo as perspectivas existenciais e acadêmicas dos discentes, e a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

terceira sobre os aspectos políticos acerca dos conflitos de terra. *Entretanto, são consideradas aqui apenas a questão e respostas relacionadas às territorialidades.*

De acordo com estudos prévios, considerou-se válido analisar a relação entre a formação em Biologia com as questões pessoais e interpessoais de *pertencimento* (Schutz, 2012, p.94), em seus discursos e representações sociais, registrando-se a espontaneidade das suas falas e afirmações. Para o estudo desses dados, decidiu-se optar pela Análise do Discurso de linha foucaultiana (Foucault, 2001, 2010). A AD oferece condições de compreensão das dinâmicas dos discursos no âmbito das ações sociais que eles mediam, orientam e convencionalizam ou mesmo fazem suspeitá-las; tal análise remete sempre aos horizontes discursivos da história em sua dinâmica social e política, reconhecendo os aspectos subjetivos, intersubjetivos característicos dos sujeitos constituintes e do lugar constituidor, enquanto “descrições densas” (Geertz, 2011) e “fundamentalmente importante para entender a dinâmica homem-ambiente.” (Moran, 2011, p.118). Por fim, este trabalho teve como foco a cidade pelo fado de pretendermos trazer esse conceito à reflexão da Educação Ambiental, numa perspectiva de ecologia urbana, isto é, dos lugares da cidade como territórios situados na natureza e não afastados dela, assim considerando suas interdependências intrínsecas: cultura humana/natureza, cidade/meio ambiente, *lugar de habitar*/habitat como lugar.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO⁴

Esta abordagem intenciona analisar as indagações empíricas, realizadas através de técnicas de questionários em encontro de formação do PIBID em concomitância com a fundamentação teórica, caracterizada de forma a fundamentar tais achados, que juntos permitirão parecer consubstanciado sobre o tema. A abordagem será dinamizada a partir de três pontos relevantes. O primeiro ponto da discussão é analisar as respostas que

⁴ Apenas nesta parte do texto intitulada “Resultados e discussão”, decidimos por usar *itálico* em todas as palavras e frases enunciadas pelos sujeitos entrevistados que não tivesse mais de três linhas. Resultados da discussão; foram destacadas em espaço 4 cm as falas dos participantes como citações com três linhas em diante – não apresentam-se os sujeitos como autores entre parênteses.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

foram interpostas em palavras⁵, para conceituar categoria *cidade* como atributo significativo no percurso de vida dos sujeitos e, em sua totalidade, cidade entendida como produção (Eufrazio, 2013, p.50). O segundo ponto é apresentar reflexões acerca da cidade em relação à Natureza, considerando suas territorialidades como cultura humana. O terceiro ponto se traduz em breve proposta denominada “algumas alternativas paradigmáticas”.

Assim, as inter-relações sociais na cidade (ou no campo) são produtoras de lugares de habitar, por exemplo, a escola, o lar, a rua, a praça onde o grupo se reúne, entre outros. Sua compreensão se efetiva por meio da linguagem, e, quando partilhada, atribui sentidos sócio-afetivos, memoriais, identitários para esses lugares. Nas instâncias objetivas, subjetivas e intersubjetivas, são onde os sujeitos se localizam para compartilharem sentidos referentes si, ao outro e ao território em que habitam. Para esses sujeitos, estarem “inseridos num determinado contexto geográfico, ‘territorial’” (Haesbaert, 2004, p. 20) é a condição necessária para desenvolverem sentidos de identidade e copertencimento. Para Tuan (2013), o lugar é todo e qualquer território habitado, *local* de convivência e copertencimento e que por isso ganha significado, interesse e respostas afetivas nessas interações. Assim, partindo do questionamento sobre as vivências no percurso da vida e das palavras que definem o conceito de cidade, buscou-se deixar falar as fontes humanas quanto à sua relação de territorialidade como o “espaço construído” (Dardel, 2011, p. 27-30), no intuito de apresentar os “discursos imagéticos” (Abulquerque Jr., 2011) compartilhados na ocasião.

Segundo Foucault (2010), discurso é o “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação [área do conhecimento]; por exemplo, “discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátricos” (Foucault, 2010, p.122). A partir dessa perspectiva representacional, “[...] são os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar o *ethos*, bem como sua cenografia, por meio dos quais esses conteúdos surgem” (Maingueneau, 2008, p. 71). Tendo isso em vista, foi possível correlacionar discursos no âmbito da formação

⁵ A primeira pergunta do questionário consiste em estabelecer conceito de terra, a partir dos aspectos vivenciais e conceituais no percurso de vida com três a cinco palavras.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

do PIBID com bolsistas do curso de Biologia, bem como no âmbito das reflexões acerca de Movimentos Sociais, Educação do Campo, Ecologia Humana, Geografia Humana, Ecologia Urbana, etc. Como verificação da “subjetividade dos indivíduos interagindo com a objetividade do mundo” (Ferrater Mora, 2005, p.1550).

Considerando os resultados aqui apresentados não como a totalidade das discussões vivenciadas na ocasião, pôde-se observar que algumas palavras foram reconceituadas pelos participantes conforme o desenvolvimento dos diálogos. Expressões como: *chão*, *casa* ou *terra (topos)* foram relacionadas à ideia de propriedade, de vínculo, de regionalidade, de bens adquiridos e de origens; lugar originário de vida, enquanto espaços conquistados no âmbito das *leis*, do *trabalho*, do *dinheiro*, das possibilidades de *aquisição da terra*, do *lar*, e/ou posteriormente legitimados, através das lutas, da copertença, cooperativismo, da identificação territorial étnica como lugar *aonde nascemos, vivemos e estamos*⁶. Ainda fora reconhecido o conceito ideológico de tais palavras, bem como seu uso legitimador nos discursos e nas experiências sociais e políticas predatórias, quando discutidas na perspectiva de posse capitalista, de latifúndios e preconceitos étnicos territoriais, da cidade como território preferencial.

[...] o *lugar* é uma ressignificação histórica dos espaços concretos, imagéticos, discursivos e afirmativos pela *atribuição* de sentidos, de afeição e de referências, construída nas interações sociais, intersubjetivos e memoriais. (Silva & Silva, 2014, p. 1).

Por outro lado, quando *chão*, *casa* ou *minha terra (no sentido de cidade onde nasci)* eram postos como *espaço* geográfico não habitado, remetia-se ao conceito de *espaço indiferenciado* (Tuan, 2013, p 3), isto é, aquele lugar inabitado, portanto distanciado da nossa presença que é por sua vez, condição necessária de atribuição de sentidos ao lugar habitado desse “espaço” conquistado e significado como *habitat* (Leff, 2013, p. 286). Ora, numa perspectiva ambiental e, sobretudo ecológica, esse espaço indiferenciado não necessariamente deve estar isolado à presença de humanos ou

⁶ Decidimos por usar *itálico* em todas as palavras e frases enunciadas pelos sujeitos pesquisados.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

propositalmente afastado do *olhar afetivo*, do *cuidado*, do *reconhecimento* e das *ações sustentáveis*, como se a natureza não pudesse ser vivida, mas isolada da presença humana⁷.

Sobre a cidade como território de *habitação dos sujeitos*, “espaço construído” (Dardel, 2011, p. 27-30), como ela é “sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde”. (Calvino, 1990, p.18), a correlação entre cidade e territorialidade, se efetiva como lugar de *origem*, território *em transformação e transformador dos sujeitos*, onde as *identidades* são co-construídas, afirmadas e vivenciadas, enfim, partilhadas como um primado da *Cultura do lugar*, por meio dos processos de *sobrevivência* e da *satisfação de necessidade*, “no fluxo de impressões subjetivas que se mistura à nossa apreensão das configurações geográficas” (Dardel, 2011, p. 38), a saber:

A territorialidade como pertencimento está correlacionada à história (o que diz respeito ao pioneirismo, quem chegou primeiro?) como exemplo existem as terras indígenas que “irão” ser ocupadas por usinas hidroelétricas.

A territorialidade se apresenta como diferentes espaços políticos, sociais e culturais. Estes espaços representam as diferentes formas de vida, os diferentes conceitos, os diferentes saberes de diversas comunidades construindo a história dos territórios

Territorialidade é algo intrínseco às relações sociais. É uma representação de uma sociedade, seja ela de forma política, cultural, religiosa, etc. Como exemplo, o indígena que está ligado à sua cultura como um ser natureza, com pensamentos de preservação daquilo que o cerca.

Nesse contexto de copertencimento, *cidade é uma representação de lugar de habitar*, de *sentimentos* e de *vínculos culturais*, sobretudo *para determinadas pessoas que vivem ou nasceram neste lugar*, [...] *como povos tradicionais*. Assim, para a compreensão desse conceito, Santos (2009) afirma que “o ‘tradicional’ não está ligado, necessariamente, a uma ideia de ‘origem’. São os processos político-organizativos, o

⁷ Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, veja DIEGUES, A. *O Mito da Natureza Intocada*. 3ª Ed. São Paulo, Huctec, 2001



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

modo de se relacionar com o território” (Santos, 2009, p. 67). Os sentidos de lugar, em sintonia com o pensamento de Tuan (2013), representariam também uma *territorialidade de afetos, referenciando segurança, lar e representação da casa*, onde “o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas” (Calvino, 1990, p.18), evocando lembrança que tecem identidades e copertenças:

Morei 10 anos em Aracajú e todas as vezes que vinha a Paulo Afonso sentia-me em casa em meu território. O sentimento é: Esta é a minha terra...

Fato: moro em Paulo Afonso há dois anos mas sou de Salvador. E até hoje uso expressões como: “vou pra minha terra nesse fim de carnaval”. Na minha terra isso é diferente.

O ato de não querer deixar o lugar onde reside o “homem” por considerar aquele o seu lugar e buscar meios de desenvolver, crescer como pessoa, politicamente, trabalho, educação, família...

Nesse sentido, territorialidade corresponderia “a ligação a lugares precisos, resultado de um longo investimento material e simbólico e que se exprime por um sistema de Representações” (Godoi, 2014, P.446). Essa “composição social da terra” (Williams, 1990, p. 167), essas instância imagética e discursiva do território como *espaço social* assegura a manutenção da vida, *pelas responsabilidades e pela consciência de igualdade, de identidade e de sustentabilidade*, visto que “o ambiente que nos cerca existe em função de nossas ações e dos significados que imprimimos nele” (Hirata, 2010, p. 22).

O território constituído, a cidade, é pré-condição de partilha intersubjetiva⁸ de sentidos, afirmações e discursos, como práticas de territorialidade, para os sujeitos desses lugares de habitar; “[...] não diz respeito somente à materialidade do espaço, pois não há território exterior a relações sociais” (Godoi, 2014, p.446). No entanto, o reconhecimento dos aspectos ecológicos da perspectiva de *espaço* como *Natureza*, faz

⁸Para uma ampla conceituação sobre intersubjetividade no contexto da Pedagogia, veja SILVA, W. A. *Intersubjetividade dos Processos Docentes - Análise do Discurso e teoria das Representações Sociais*. In. Revista Ouricuri. Vol. 4, n. 1.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

reconsiderar as interações entre cultura humana típica da cidade e meio ambiente também como uma interação identitária, sobretudo a partir da “restituição” de importância à Natureza como *casa (oikos)* e não como *espaço indiferenciado* (Tuan, 2013), construindo assim novas condições de possibilidades de interação antropológica e natural, bem como de repensar os sentidos da cidade *como parte de reconhecimento do que somos, o que buscamos, ligando interesses que estão influenciando esses interesses englobando políticas, econômicas e sociais.*

4-A CIDADE “ANTIGA” - RETOMANDO PARADIGMAS

Enquanto conceito, a partir da cidade mudou-se a forma de ver a Natureza, ou seja, é pela lente difusa da cidade que enxergávamos e conceituávamos a natureza. Mas, anterior a Modernidade e ao seu modo cartesiano de visão de mundo e interpretação hermenêutica, a percepção de “segurança” e de sentido de ordem presentes na cidade é, ao mesmo tempo, inspirada nas representações mais antigas da natureza enquanto mundo seguro. Assim sendo, poder-se-ia rever as possibilidades de pensar a cidade como uma simulação em tamanho menor da natureza infinita, como na antiguidade se fazia, considerando suas territorialidades de atribuição de significados geográficos, nas instâncias do mítico, profético, heróico (Dardel, 2011, p.48-78) como resgate de saberes não absolutamente científico, porém necessário. Ainda, antes da Idade Média, as primeiras ideias acerca da natureza eram ideia holísticas; segundo Burton L. Mack:

Todos os povos da antiguidade imaginavam-se no centro de um vasto universo que havia sido criado apenas para elas, com um lugar especial para construírem seu tipo de sociedade. (MACK, 1995, p. 28).

Portanto, conceitualmente, a cidade esteve estritamente ligada e dependente da Natureza, como uma espécie de extensão:

Pensamos que o povo da antiguidade imaginara o universo como o modelo de sociedade que havia construído. Eles, no entanto,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

pensavam que a sociedade tinha sido planejada ou construída no início do mundo segundo o modelo do universo que eles habitam. E esse pensamento foi fundamental. [...] Era a correspondência do "mundo pequeno" (microcosmo) no universo (Macrocosmo) o que importava. (Ibid, 1995, p. 30).

Por outro lado, os conceitos de cidade como utilizamos atualmente advém da ideia de cidade (*polis*) grega (Coleman, 2000, Snell 2009, Florenzano, 2010). Em vista da adequação do indivíduo ao sedentarismo hierarquizado, isto é, a manutenção política de bem-estar social dessa nova *polis* (Coleman, 2000, p. 19), (uma consequência já presentes na cidade-Estado grega e posteriormente) na cidade romana seria a do afastamento dos modelos de habitar da Natureza, para o modelo de cidade auto-suficiente como referência.

E como para os gregos, uma vez que a noção de sociedade como uma *polis* tinha sido concebida, o próprio *cosmos*⁹ era imaginado como uma grande cidade-mundo. Durante a época greco-romana os povos do "mundo habitado" foram referidos por filósofos gregos como os cidadãos da cidade-mundo. (Ibid. 1995, p. 30).

A palavra *cidade* (*civitas, átis*) tem sua origem na língua latina. Segundo o dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, a data provável do vocábulo 'cidade' data do século XIII, conceituado-a como "complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma concentração populacional não agrícola". (Cunha, 1997, p.182). Toda essa forma de organização, como uma necessidade - enquanto somos condicionados a ver o mundo pela ótica da ordem - teria como um dos seus princípios intrínseco, o poder de ajustar, de sistematizar, enquadrar, etc., portanto a cidade em sua forma concreta e quadrada (Foucault, 2008, p.21-23) - porque a tudo enquadra:

⁹ Cosmos significaria o Universo em sua totalidade e conjunto, organizado e, portanto, "estetizado". A concepção do cosmos é um conceito subjetivo, porque quando damos ordem ao caos estamos impondo nossa subjetividade conceitual de ordem à Natureza; estamos representando a Natureza, mas mesmo a ordem das coisas inexistente como conceito verdadeiro para a Natureza que não se deixa ordenar, visto que o local onde estamos (microcosmo) é uma fração do todo (cosmos). A Natureza por si só, tem sua "Ordem", mas pouco nos aproximamos da "subjetividade" desta Natureza pelo fato de desejarmos sua parte física: a matéria-prima.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Podemos dizer que a cidade é pensada de início, não a partir do maior que ele, o território, mas a partir do menor que ela, a partir de uma figura geométrica que é uma espécie de módulo arquitetônico, a saber, o quadrado ou o retângulo por sua vez subdivididos, por cruces, em outros quadrados ou outros retângulos. (Foucault, 2009 p. 21-22)

Assim, a cidade seria o oposto à natureza com suas formas espontânea não intencionalmente geométricas, sedimentos complexos e interconectos, de formas e linhas contingenciais e complexas, como árvores e cavernas, onde, por exemplo, os homens poderiam habitar em meio a um *design* jamais formalizado. Por outro lado, a arquitetura da cidade, enquanto “a arte de construir” desfaria pela matemática e pela física a “caoticidade” da natureza através de construções quadradas e lapidadas, em casas e prédios, por exemplo. Mas o fator interessado sempre presente na cidade como um arcabouço instituído privilegiado da cultura humana é que “responderia, sobretudo à necessidade de manifestar poder, a divindade, a força”¹⁰, portanto, a alienação da natureza, como fator de ordem, controle e de poder na sociedade humana, responderia pela manipulação do próprio homem pelo homem onde tudo se torna objeto simplificado e, por isso mesmo, de fácil gestão a medida que mais se “urbaniza” o *cosmos* ao qual ele e a cidade são imanentes. A cidade aparentemente “pacífica” e não oscilante como a natureza, por representar segurança, é ela instrumento de sistematização e normalização do indivíduo por meio do chamado “modelo ideal de sociedade humana”. Por tanto, ela “integra tudo, desde elementos físicos – sua estrutura física - a manifestações espirituais – sua ordem moral”. (Eufrazio, 2013, p. 50).

Menos do campo, é muito mais da cidade que a natureza é cada vez mais subordinada às demandas econômicas de produção massiva de bens de consumo materiais e simbólicos (Moran, 2011, 231 Leff, 2013, p. 32-41): talvez a fome incessante de consumo se dê pelo fato do homem buscar e rebuscar nestas experiências algo que fora perdido nos seus descaminhos tecno-científicos com o meio ambiente; é pela aparente separação maquiada na dicotomia entre sociedade e natureza que a cidade se torna um conceito cada vez mais especializado, generalizado e plástico. Os

¹⁰ FOUCAULT. Microfísica do Poder. p.211.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

antagonismos entre cidade e meio ambiente, por outro lado, funcionaria como representação e racionalização da superioridade do homem em face da natureza, através do trabalho e da obra acabada, por exemplo. Ainda essa racionalização compõe com auxílio da ciência, a impressão de “total controle da situação”, de ordenação do caos, síntese e simplificação do antes diverso e complexo, da padronização de situações e de abrandamento e quietação dos atavismos diversos dessa Natureza inconstante. Isso porque, segundo Mattos¹¹, “na medida em que tanto a compreensão do espaço quanto a do movimento, agora submetidas à lei do número, ‘perderam o valor cósmico’ [...]” a impressão panorâmica de infinito, no sentido da subjetividade humana de se relacionar com a natureza também se perdeu, dando lugar ao temor a natureza. Por causa desse temor antigo, no âmbito da ciência, Descarte “sonhava” em “reduzi-la à matemática”¹², como forma de domínio e simulação de controle. Nesse sentido - desta ideia de ordem mais ou menos disponível em seu tempo, mas que nunca haveria de reproduzir ou mimetizar a natureza - no mínimo nos deu o suporte em nível de planejamento e estratégias, de sondar e explorá-la fisicamente, à cata de construir, com o auxílio da “lei do número” outra ordem para a natureza por meio da sua falsa separação/superação: essa ordem de coisas “matematizadas” pode ser denominada de sociedade humana.

4.1-ALGUMAS ALTERNATIVAS PARADIGMÁTICAS

Os esforços da razão devem promover o reencontro da cidade urbana com a Natureza, não a sua separação analítica, política ou ontológica geográfica, (Dardel, 2011). Para isso, devemos rever as questões dos conceitos, sobretudo, na Modernidade, visto que eles funcionariam como lentes que nos “ajudam” a ver a realidade, mas é preciso saber que eles “não esgotam o mundo, não abarcam nunca a totalidade do real”. (Carvalho, 2012, p.33). Nesse sentido, Thomas Kuhn (2009) nos advertiu sobre a “fragilidade” da integridade paradigmática e metodológica das Ciências em sua abertura

¹¹ Manuel Barros de Motta, prefaciador da 4ª edição do livro “Do mundo fechado ao universo infinito” de Koiré.

¹² Tradução não literal de *Reductione scientiae ad mathematicam*. (redução da ciência à matemática) Koiré, 2010. P.89.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

interessada para fatores exteriores, nada disciplinares e objetivos, advindos de interesses políticos, econômicos e pessoais – porque não, afetivos. Tendo em vista essa fragmentação teórica como modo de ver o *cosmos*, a proposta seria a de um ponto de vista holístico da natureza que poderia ser afirmado por meio do paradigma conceitual de um ângulo “socioambiental” em vista de uma *diversidade epistemológica* (Santos, 2013, p.142), por exemplo, em não mais se estabelece a concepção da natureza enquanto cosmos separado da sociedade humana e da condição social do homem na cidade, porque, por exemplo, em face das cidades e da ciência da sustentabilidade Moran (2011), afirma:

As áreas urbanas são “pontos quentes” de sustentabilidade, que condicionam mudanças ambientais em diversas escalas e, por isso, precisam ser um foco da ciência da sustentabilidade. As cidades apresentam grande demanda de bens materiais, altos níveis de consumo concentrado, emissões volumosas e grande quantidade de resíduos para processamentos. [...] representam tanto os problemas como as soluções para os desafios de sustentabilidades em um mundo cada vez mais urbanizado. (Moran, 2011,p.231).

Portanto, o conceito socioambiental seria “a natureza e os homens, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo.” (*Ibid.* p 36), que pode ser melhor compreendida pela transdisciplinaridade como alternativa, não apenas de inter-relação entre disciplinas, mas de superação dos limites epistemológicos entre as ciências, transpondo assim as cidades dos “sistemas fechados” de pensamento cartesiano-newtoniano, oferecendo assim novos modos de ver, pensar e agir, isto é, proporcionar uma *diversidade epistemológica* (Santos, 2013, p.142-145).

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Heidegger, a transformação do mundo, antes pressupõe a transformação do conceito de mundo – é preciso saber que tal conceito abarca a natureza humana e não a separa do mundo: nós somos a natureza, não pode haver



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

separação no sentido absoluto que desejam impor; assim, podemos pensar que, é a forma como vemos a natureza que virá a determinar as nossas relações com o outro, com a cidade, com o campo, com o ecossistema e consigo mesmo; tendo em vista a natureza como aquilo da qual fazemos parte e a qual faz parte de nós, podemos elaborar um paradigma que seja-nos superior e ultrapasse a visão naturalista-conservacionista da natureza (intocável para muitos, mas, um recurso inesgotável para a classe economicamente hegemônica).

Uma nova Paidéia cuja Natureza balizará, para os sujeitos, a construção do conhecimento de si mesmos; uma epistemologia da Natureza como diversidade epistemológica da diversidade humana e da complexidade da cultura humana é realmente uma “novidade” e ao mesmo tempo um reencontro com aquilo que uma dia fora no “Neolítico e que ensaiou acontecer na Era Axial”¹³; a Natureza como uma Pedagogia nos permitiu um encontro holístico com o Conhecimento - e talvez o fim da separação analítica do indivíduo com o objeto, da cultura humana da Natureza; talvez a Ecologia Humana enquanto ciência transdisciplinar possa nos dar o suporte conceitual e a *práxis* para se completar aí (por meio do entendimento complexo do humano e do natural com a imanência de sempre) o entendimento do outro como diferente e ao mesmo tempo necessário, como uma nova alteridade, revisada ou revolucionada (no sentido de recomeçar do zero). Uma pedagogia pressupõe a formação dos sujeitos de forma que transcenda os limites geográficos, conceituais, históricos e afetivos da sociedade – para que se possa ser o indivíduo da e para a Natureza como ela tem estado disponível para nós e também ativa sobre nós, na perspectiva das transformações ontológicas dos seres humanos profundamente ligadas aos cuidados da Natureza.

6-REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹³ ARMSTRONG, Karen. *A grande transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

BUCK, Burton L. *Who wrote the New Testament? The making of the Christian myth.* New York: Harper Collins, 1995.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis.* São Paulo: Companhia da Letras, 1990

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental – a formação do professor como sujeito ecológico.* 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COLEMAN, Janet. *A History of Political Thought: From Ancient Greece to Early Christianity,* London, Blackwell, 2000.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etmológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

DESCARTES, René. *Discurso do Método.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EUFRASIO, Mário A. *Estrutura Urbana e Ecologia Humana.* 2. ed., São Paulo, Editora 34, 2013.

FABER, Daniel, *The political ecology of global capitalism.* Artigo, In: http://viewer.zoho.com/api/urlview.do?url=http://www.socant.neu.edu/faculty/faber/documents/SOC_G230_Syllabi.pdf Acesso em 14 de janeiro de 2011.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. A Origem da Pólis: os Caminhos da Arqueologia. In, CORNELLI, Gabriele (Org.). *Representações da Cidade Antiga categorias históricas e discursos filosóficos.* Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População.* São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *A ordem do Discurso.* São Paulo, Loyola, 2001.

_____. *A Arqueologia do Saber.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Microfísica do Poder.* 28ª reimpressão. São Paulo: Graal, 2010.

GARFINKEL, Harold. *Studies of Ethnomethodology Social.* 2. ed. UK, Polity Press: 1967.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação da Cultura.* Reimpressão da 1. ed. Editora LTC, Rio de Janeiro: 2011.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

GODOI, Emília Pietrafesa de. Territorialidade. In. SANSONE, Livio & FURTADO, Cláudio Alves (org.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. EDUFBA, Salvador, 2014.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A: São Paulo, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Fausto Castilho. Edição Bilingue. Editora Vozes, 2012.

HIRATA, Elaine Farias Veloso. Monumentalidade e Representações do Poder Tirânico no Ocidente Grego. In, CORNELLI, Gabriele (Org.). *Representações da Cidade Antiga categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

HUBER, Joseph. *Environmental Sociology in Search of Profile*. German Society of Sociology. Bremen: 2001. Paper.

In:<<http://www.soziologie.uni-halle.de/huber/docs/environmentalsociology02>>Acesso em 14 de dezembro de 2010.

KOYRÈ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAN, Emilio F. *Meio Ambiente e Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2011

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Gramática do Tempo – para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2013

SANTOS, Juracy Marques dos. *Povos, comunidades tradicionais e meio ambiente*. In Revista Ouricuri. Volume 1, Número 1. Salvador: EDUNEB, 2009. disponível em <<https://sites.google.com/a/nectas.org/revistaouricuri/edicoes-antiores/vol1>> acesso em 23 de janeiro de 2013.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

SILVA, Wellington Amâncio da, SILVA, Wilma Amâncio da. *O Sertão e seus sujeitos constituintes na Contemporaneidade* (Comunicação/artigo) In. 1º Encontro Nacional de História do Sertão – 2014a

_____. *A Intersubjetividade dos Processos Docentes - Análise do Discurso e teoria das Representações Sociais*. In. Revista Ouricuri. Vol. 4, n. 1. mar/abr. 2014b, p. 3. Disponível em <<https://sites.google.com/a/nectas.org/revistaouricuri/>> Acesso em 10 de abril de 2014.

SNELL, Bruno. *A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu*. São Paulo, Perspectiva, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar – a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.